A quarta cadeira

Na primeira noite em que empunhei a espada, eu tinha saído de casa para conferir o nível do rio. Minha filha me pediu que voltasse antes que a comida esfriasse.

— A mãe fez três pratos — ela disse.

— Então tá certo. Somos três.

Ela olhou para a mesa. Minha esposa ainda estava no trabalho. Havia três pratos, mas minha filha tinha puxado uma quarta cadeira.

— E ele vai comer onde?

Pensei que fosse alguma brincadeira. Perguntei de quem ela estava falando. Ela abriu a boca, franziu a testa e olhou de novo para a cadeira.

— Eu sabia agora mesmo, pai.

Naquele dia, as duas réguas que mediam o nível do rio em Santa Aurora tinham dado resultados diferentes. A de cima mostrava a marca mais baixa em doze anos de seca. A debaixo da ponte subia um centímetro por hora. Eu trabalhava acompanhando chuva e plantio. Antes de avisar alguém que a água estava subindo, queria ver com meus próprios olhos.

Na saída, peguei a lanterna no armário. O lápis da minha filha voltou a riscar o papel.

— Agora lembrou? — perguntei.

— Do rosto, sim. Do nome, ainda não.

Desci a rua pelo caminho de sempre. Na esquina, seu Dário guardava as caixas vazias da feira. Perguntou se eu ia encontrar o rapaz da canoa.

— Que rapaz?

Ele ficou com uma caixa suspensa entre as mãos.

— Pois é — disse, por fim.

Fui embora achando que o velho andava esquecido. Só mais tarde me ocorreu que nós dois tínhamos olhado para o mesmo lugar quando ele falou do rapaz. Havia um anzol pendurado no portão da minha casa.

O homem no pilar

A primeira coisa que vi embaixo da ponte foram os dois remos. Um estava atravessado no banco da canoa. O outro, na água rasa, girava devagar.

Iluminei a régua. A água estava um palmo abaixo da marca que eu esperava encontrar. A faixa de concreto que deveria estar molhada estava seca. Enquanto eu procurava uma explicação, alguém puxou o ar com tanta força que ouvi por cima do barulho dos carros na ponte.

Apontei a lanterna para o pilar.



Um homem descalço estava espremido contra o concreto, com os braços colados ao corpo. Havia tiras pretas apertadas sobre o peito dele. Pensei que fossem cordas. Então dei um passo para o lado. A sombra do homem acompanhou a luz até a metade do pilar, dobrou sobre si mesma e deu mais uma volta em torno do pescoço dele.

Entrei na água. Abri o canivete que usava para cortar barbante de saco de semente. Assim que encostei a lâmina na primeira tira, senti a pressão no meu próprio pulso. Soltei o canivete. A coisa continuou apertando.

— A canoa é sua? — perguntei.

Ele assentiu.

— E o outro remo?

O homem virou os olhos na direção da água.

— É do meu filho. Se eu achar o menino, quero que ele tenha como voltar comigo.

Atrás do pilar, uma figura alta se levantou da água. Tinha o contorno de um homem com a cabeça ligeiramente inclinada, como quem escuta uma conversa na sala ao lado. Quando saiu de trás do concreto, a luz da lanterna atravessou o lugar onde deveria estar seu rosto.

— Pergunte pelo nome do menino — disse ela.

O canoeiro me olhou. Vi o esforço que fez para juntar os lábios e dar forma à primeira sílaba. A tira em volta do pescoço se apertou antes que saísse qualquer som.

— Você também esqueceu, Elias — disse a figura.

Eu ainda não tinha me apresentado.

O primeiro corte

A lanterna caiu de lado na lama. O feixe ficou apontado para o segundo remo. Vi duas iniciais queimadas na madeira. Reconheci a primeira. A segunda me deu a sensação de ter esquecido uma palavra no meio de uma oração.

— Ele ainda pode voltar — eu disse.

O canoeiro fez que não com a cabeça.

— Você não sabe o que falei pra ele quando foi embora.

— O que você diria se ele chegasse agora?

O homem tentou responder. Saiu um soluço. A figura atrás do pilar ergueu a mão e as tiras se esticaram como linhas presas aos seus dedos.

Pensei em correr. Minhas pernas já tinham dado um passo para trás quando me lembrei de Pedro, sentado perto do fogo depois de negar Jesus. Eu tinha lido aquela passagem numa noite em que também ensaiei o que dizer a Deus. O que ficou comigo foi que Jesus tinha preparado comida para Pedro antes de conversar com ele sobre o que havia acontecido.

Obrigado por ter me chamado pra perto, Jesus, orei. *Espírito Santo, me ajuda a ficar*.

A mão com que eu segurara o canivete ainda doía. Abri os dedos mesmo assim.

— Jesus contou de um pai que viu o filho voltando de longe — falei. — O rapaz vinha com um pedido de desculpas ensaiado. O pai correu pra abraçá-lo antes de ouvir o fim.

O canoeiro olhou para mim.

— E se eu for o filho dessa história?

— Então você pode voltar hoje.

Uma linha de luz nasceu entre meus dedos. Estendeu-se até quase tocar a água. Quando fechei a mão, senti o peso de uma espada.

A figura se jogou sobre mim. Bati o ombro no pilar, firmei o pé no barro e passei a lâmina entre a sombra e o peito do homem. As tiras arrebentaram. Ele caiu de joelhos, tossindo, e disse um nome.

— Miguel.

Nesse instante, lembrei do anzol no portão e de quem o tinha deixado ali. Lembrei também do que eu havia pedido à figura na última vez que desci sozinho à ponte.

Eu tinha pedido para esquecer Miguel.